

CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL
DA UEG - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS,
CAMPUS HENRIQUE SANTILLO, ANÁPOLIS (GO): UM CAMINHO
A SER PERCORRIDO

CREACIÓN Y PUESTA EN MARCHA DEL MUSEO DE HISTORIA
NATURAL DE LA UEG - UNIVERSIDAD ESTATAL DE GOIÁS,
UNIDAD UNIVERSITARIA DE CIENCIAS EXACTAS Y
TECNOLÓGICAS, CAMPUS DE HENRIQUE SANTILLO, ANÁPOLIS
(GO): UN CAMINO A SEGUIR

CRÉATION ET RÉALISATION DU MUSÉE D'HISTOIRE
NATURELLE DE L'UEG - UNIVERSITÉ D'ÉTAT DE GOIÁS, UNITÉ
UNIVERSITAIRE DE SCIENCES EXACTES ET TECHNOLOGIQUES,
CAMPUS DE HENRIQUE SANTILLO, ANÁPOLIS (GO): UNE VOIE À
SUIVRE

VANDERVILSON ALVES CARNEIRO

Docente da UEG - Universidade Estadual de Goiás,
Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas,
Campus Henrique Santillo, Anápolis (GO)
profvandervilson@yahoo.com.br

Resumo: Os museus têm servido como um dos meios para a popularização das Ciências no Brasil. Entende-se que um museu tem como meta essencial à questão educacional, ora formal, ora não formal, com técnicos qualificados para a manutenção do acervo e para a exposição do mesmo para o público estudantil e não estudantil, além de consolidar um diferencial da educação em Anápolis (GO) e adjacências. Trata-se de uma proposta de criação e implantação de um museu de história natural, em novembro de 2013, na UEG - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas, Campus Henrique Santillo, Anápolis (GO). A proposta em questão embasou-se *ipsis litteris* conforme o museu da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba (2009). A proposta não foi adiante por questões governamentais (contenção de gastos e novos direcionamentos científico-tecnológicos). Aguarda-se que a proposta seja reconsiderada e entre novamente na pauta governamental. Enquanto a proposta não é concretizada, a UEG executa diversas atividades extensionistas, projetos de pesquisa, projetos educacionais e eventos que abordam a questão museal.

Palavras-chave: Museu; Universidade; Educação; Anápolis.

Resumen: Los museos han servido como uno de los medios para la popularización de la ciencia en Brasil. Se entiende que un museo tiene como objetivo esencial a la cuestión educativa, ya sea formal o no formal, con técnicos calificados para mantener la colección y exhibirla al público estudiantil y no estudiantil, además de consolidar un diferencial de educación en Anápolis (GO) y adyacencias. Se trata de una propuesta para crear y poner en marcha un museo de historia natural en noviembre de 2013 en la UEG - Universidad Estatal de Goiás, Unidad Universitaria de Ciencias Exactas y Tecnológicas, Campus Henrique Santillo, Anápolis (GO). La propuesta en cuestión se basaba en *ipsis litteris* según el museo de la UEPB - Universidade Estadual da Paraíba (2009). La propuesta no prosperó debido a cuestiones gubernamentales (contención de costos y nuevas orientaciones científico-tecnológicas). Se espera que la propuesta sea reconsiderada y vuelva a entrar en la agenda del gobierno. Si bien la propuesta no se aplica,

la UEG lleva a cabo varias actividades de extensión, proyectos de investigación, proyectos educativos y eventos que abordan la cuestión de los museos.

Palabras-clave: Museo; Universidad; Educación; Anápolis.

Résumé: Les musées ont servi de moyen de vulgarisation de la science au Brésil. Il est entendu qu'un musée a comme objectif essentiel la question de l'éducation, formelle ou non formelle, avec des techniciens qualifiés pour maintenir la collection et l'exposer au public étudiant et non étudiant, en plus de consolider un différentiel d'éducation à Anápolis (GO) et dans les environs. Il s'agit d'une proposition visant à créer et à mettre en place un musée d'histoire naturelle en novembre 2013 à l'UEG - Université d'État de Goiás, Unité Universitaire des Sciences Exactes et Technologiques, Campus Henrique Santillo, Anápolis (GO). La proposition en question était basée sur *ipsis litteris* selon le musée de l'UEPB - Université d'État de Paraíba (2009). La proposition n'a pas été retenue en raison de questions gouvernementales (limitation des coûts et nouvelles orientations scientifiques et technologiques). La proposition devrait être réexaminée et réinscrite à l'ordre du jour du gouvernement. Bien que la proposition ne soit pas mise en œuvre, l'UEG mène plusieurs activités d'extension, projets de recherche, projets éducatifs et événements qui traitent de la question des musées.

Mots-clés: Musée; Université; Éducation; Anápolis.

Introdução, relevância e justificativa

O elo Museu e Ciência têm origens nos séculos XV e XVI, exatamente, com os denominados “gabinetes de curiosidades”, ou seja, grandes salões que guardavam relíquias diversas que representavam o mundo realista e mítico (MELO, 2009; MCMANUS, 1992; CAZELLI *et al.*, 2003). Os gabinetes em tela originaram os Museus de História Natural, que McManus (1992), Melo (2009) e Cazelli *et al.* (2003) afirmam tratar-se da primeira geração de museus de ciência. O objetivo destes museus, assim como os “gabinetes de curiosidades” era de representar o mundo, com o intuito de entendê-lo e interpretá-lo, classificando-o, fato possível em decorrência do desenvolvimento das ideologias iluministas que consolidaram a Cultura Científica, com a solidificação da metodologia científica baseada na observação e experimentação, iniciada pelo pensamento de Descartes (MELO; COSTA, 2011).

Zaher e Younh (2003), Santos e Mendes (2009) destacam que a sobrevivência da vida no planeta depende da implantação de políticas que levem, em curto prazo, ao desenvolvimento sustentado através da proteção e manutenção do nosso patrimônio natural e cultural. Entretanto, a aplicação de políticas ambientais e culturais bem sucedidas depende fundamentalmente de uma base sólida de informação acerca da biodiversidade local e de sua relação com o ambiente.

Conforme Santos e Mendes (2009), as bases conceituais são apresentadas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), que define como uma instituição cultural com caráter permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, em que se conservam, estudam e, em parte, se expõem os materiais testemunhos da evolução do Universo, dos

ambientes físico, biológico e social do mundo passado e atual e das realizações do Homem ao longo da sua existência. Da definição acima e de acordo com Gil (1988), as funções inerentes a qualquer museu são a conservação, a exposição, a ação cultural e a investigação científica.

Para Zaher e Young (2003) é a partir do século XIX que os Museus de História Natural apresentam a função principal de armazenar, preservar e ordenar o acervo de Arqueologia, Antropologia, Geologia, Mineralogia, Biologia e Paleontologia.

Os artigos 1º, 2º e 3º do Estatuto de Museus, instituído pela Lei nº. 11.904, de 14 de janeiro de 2009, indicam os conceitos e princípios definidores e orientadores dos museus no Brasil:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Art. 2º São princípios fundamentais dos museus: I - a valorização da dignidade humana; II - a promoção da cidadania; III - o cumprimento da função social; IV - a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V - a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI - o intercâmbio institucional.

Parágrafo único. A aplicação deste artigo está vinculada aos princípios basilares do Plano Nacional de Cultura e do regime de proteção e valorização do patrimônio cultural.

Art. 3º Conforme as características e o desenvolvimento de cada museu poderão existir filiais, seccionais e núcleos ou anexos das instituições.

Parágrafo único. Para fins de aplicação desta Lei, são definidos: I - como filial os museus dependentes de outros quanto à sua direção e gestão, inclusive financeira, mas que possuem plano museológico autônomo; II - como seccional a parte diferenciada de um museu que, com a finalidade de executar seu plano museológico, ocupa um imóvel independente da sede principal; III - como núcleo ou anexo os espaços móveis ou imóveis que, por orientações museológicas específicas, fazem parte de um projeto de museu.

Os objetivos fundamentais dos Museus de Ciências eram basicamente adquirir e preservar a herança científica e tecnológica e explicar a construção, uso e operação de máquinas e ferramentas. Assim, até a primeira metade do século XX, estes cultivavam e reproduziam “gabinetes de curiosidades”, onde se acumulavam objetos e coleções a fim de garantir a preservação da cultura e da ciência (SAAD, 1998; SANTOS; MENDES, 2009; MELO; COSTA, 2011).

Hoje, o grande avanço tecnológico e a presença da ciência no ambiente cotidiano das pessoas, os centros de ciências e os museus incorporaram outros objetivos, que visam não apenas a preservação, mas também a necessidade de despertar o interesse pelo conhecimento científico e pela experimentação (SAAD, 1998; SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009).

Lucas (1991) e Ucko (1985) afirmam que muitos educadores consideram que as escolas não são os únicos espaços de ensino-aprendizagem da natureza da ciência como uma atividade intelectual principalmente num país de dimensões gigantescas onde uma grande parte da população esteve ou está fora dela.

Neste contexto, a instituição escolar não pode ser vista como o único meio a oferecer à sociedade a formação e a informação técnico-científica e humanística necessária para o entendimento do mundo (LUCAS, 1991; UCKO, 1985; CONSTANTIN, 2001; SANTOS; MENDES, 2009). Assim, os museus interativos de Ciências apresentam-se um ambiente educativo complementar à educação formal, possibilitando a ampliação e a melhoria do conhecimento científico de estudantes, bem como, da população em geral (CONSTANTIN, 2001; LUCAS, 1991; UCKO, 1985; SANTOS; MENDES, 2009).

Os Museus, Centros de Ciências e escolas exercem a tarefa educativa caracterizada por aspectos diferenciados: nos museus os objetos representam do processo de ensino - aprendizagem e não os indivíduos; caracterizam-se como espaços de livre escolha; não são marcados por processos avaliativos e nem por competição; o público alvo é heterogêneo; as situações de aprendizagem são interativas e estimulam o aprender em grupo, atuando fortemente no emocional dos visitantes. Desta maneira, gera condições propícias a aprendizagem e estimula o interesse pelo mundo das Ciências e suas aplicações (SAAD, 1998; CONSTANTIN, 2001; LUCAS, 1991; UCKO, 1985; SANTOS; MENDES, 2009).

Santos e Mendes (2009), Chagas e Nascimento Junior (2009) e Peixoto (2004) pontuam que são urgentes determinadas iniciativas que promovam a aproximação entre as Ciências e a sociedade e boa parte dessa tarefa cabe aos próprios cientistas.

Para Constantin (2001, p. 197),

O cientista moderno não é somente um indivíduo que busca novos fatos - ele opera também como um decodificador, capaz de, em sua especialidade, extrair e tornar acessível ao público os avanços na sua área específica de trabalho e uma universidade será tanto mais eficaz em sua função social, quanto mais cientistas-decodificador dispuserem em seus quadros.

A partir dos cenários históricos e geográficos dos séculos XIX até o XX, os museus têm passado por mudanças consideráveis e detectadas em todo mundo, tornando-se em meados da década de 1980 em espaços interativos de preservação e divulgação do conhecimento produzido pelas Ciências (CONSTANTIN, 2001; SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009).

Os estudos realizados por Cury e Barreto (2000) e corroborados por Santos e Mendes (2009), os Centros e Museus de Ciências do Brasil apresentam que quase dois terços das instituições apresentadas neste estudo são jovens (62,2% têm até 20 anos). Em sua maioria, estão localizadas, nas áreas geográficas do Sudeste e do Sul e, em menor escala, no Nordeste, Centro-Oeste e Norte do país.

A criação e a implantação do Museu de História Natural da UEG - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas, Campus Henrique Santillo Anápolis (GO), faz-se necessária por representar um meio de identificar, mensurar, e conservar o rico acervo científico regional (Arqueologia, Antropologia, Geologia, Mineralogia, Biologia e Paleontologia), promovendo subsídios para o planejamento do uso sustentável dos recursos, bem como a divulgação e a popularização deste conhecimento. Vale ainda ressaltar a carência de espaços interativos de Museus de Ciências na área de abrangência geográfica da referida UEG.

Cabe enfatizar que a proposta foi confabulada em novembro de 2013 e encaminhada à direção local da UEG, contendo um objetivo geral CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UEG COMO UM ESPAÇO INTERATIVO E PERMANENTE DE PRODUÇÃO, DIVULGAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO, bem como os respectivos objetivos específicos: 1. Criar e implementar o Museu de História Natural da UEG, para apresentar à comunidade parte do acervo de Arqueologia, Antropologia, Geologia, Mineralogia, Biologia e Paleontologia do Cerrado Goiano; 2. Pesquisar sobre as evidências da cultura material, como também os materiais das áreas de Arqueologia, Antropologia, Geologia, Mineralogia, Biologia e Paleontologia do Estado de Goiás; 3. Identificar, inventariar e documentar todo o acervo arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, biológico e paleontológico da UEG; 4. Informatizar e qualificar o acervo, de forma a tornar mais fácil o seu acesso; 5. Incentivar a capacitação e qualificação dos profissionais (professores e alunos) ligados a este projeto; 6. Realizar trabalho de coleta de material para o acervo do museu junto aos

municípios que compõem o Estado de Goiás; 7. Tornar público o museu, com acesso fácil, rápido e gratuito para a comunidade acadêmica e à população em geral do Estado de Goiás; 8. Aumentar o interesse das pessoas pelas Ciências; e 9. Produzir e divulgar o conhecimento científico.

Sendo assim, pondera-se que a proposta de Museu em tela é alicerçada pelos dizeres da UEPB (2009), onde trechos são parafraseados e outros espelham-se *ipsis litteris*.

Caracterização do tema museal

Os pesquisadores Santos e Mendes (2009), Chagas e Nascimento Junior (2009) relatam que o Patrimônio Cultural de um país é o conjunto de produtos artísticos e técnicos, de expressões literárias, linguísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos do passado e do presente. Neste sentido, entende-se que o patrimônio cultural de um povo é toda a sua cultura, seus produtos culturais, e sua simbolização e os bens imateriais e materiais. Falar de patrimônio cultural exige falar de museu porque esta instituição foi criada especialmente para preservá-lo. Sua estreita relação com este mesmo patrimônio estabelece sua função primordial que é a preservação, e dela se desprendem as outras de investigação, conservação, salvamento, resgate, tombamento e exibição com fins de educação, pesquisa, lazer e troca de experiência e conhecimento, além de preservar os resquícios das culturas pretéritas (SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009).

Peixoto (2004, p. 266) assevera que “ler um museu é uma forma de ler a vida, portanto, cada um realiza essa leitura com as condições de que dispõe”. Do ponto de vista de seu impacto técnico - científico cultural, econômico e social, a relevância do tema é evidente, tendo em vista o importante acervo de evidências materiais e imateriais que pertencem ao Bioma Cerrado.

O Museu cumpre o papel educativo e comunitário, pois, é um processo e uma prática social que deve estar colocado a serviço da sociedade, das comunidades locais e de seu desenvolvimento. Nesse sentido, o museu não é um fim em si mesmo, mas um meio, uma ferramenta que deve ser utilizada para o exercício do direito à memória, ao patrimônio e à cultura; para o desenvolvimento de processos identitários e de

valorização da diversidade cultural (FERRAZ, 2013; CÂNDIDO, 2013; SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009; PEIXOTO, 2004).

Os museus apresentam funções básicas que são a preservação, a investigação e a comunicação. E suas finalidades gerais são educação e lazer. Ao lado dessas funções básicas e finalidades gerais, o Museu pode ter funções e finalidades específicas, em sintonia com a sua missão ou a causa para a qual foi criado (CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009; SANTOS; MENDES, 2009; FERRAZ, 2013; CÂNDIDO, 2013).

Do ponto de vista museológico, é fundamental aproveitar todas as oportunidades para o desenvolvimento da dimensão educativa e social dos museus. O desenvolvimento de programas e projetos educativos nos museus faz parte do que se pode chamar de “alfabetização visual” ou “alfabetização museal”. Partindo da memória social e do patrimônio cultural - fonte primária de conhecimento e vivências culturais -, a educação nos museus possibilita a experiência da apropriação cultural, crítica e consciente, por parte dos mais diferentes grupos sociais e culturais. Trata-se de um processo de empoderamento sociocultural que, utilizando o patrimônio como recurso estratégico, valoriza o exercício da cidadania e contribui para a melhoria da qualidade da vida social e pessoal de indivíduos e coletividades (CÂNDIDO, 2013; FERRAZ, 2013; SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009).

Outro fator que comprova a relevância do tema é o significativo acervo arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, geológico e paleontológico, que após a sua análise, revelará muitas informações sobre o Bioma Cerrado, já que necessitam ser estudados, haja vista o avançado processo de degradação ambiental por qual esse espaço geográfico.

Nesse prisma, entende-se que a educação não formal proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em novos espaços fora da escola - o caso de museus -, no qual as atividades possam ser desenvolvidas de forma direcionada, com um objetivo definido (GOHM, 1999).

UEG - as pesquisas prévias

O acervo arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, geológico e paleontológico se origina de coleções particulares que ao longo dos anos foram sendo doadas. Algumas destas peças fazem parte dos sítios que já foram pesquisados, cujo

trabalho vem sendo desenvolvido por alunos e professores de vários departamentos da UEG.

O potencial arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, geológico e paleontológico do Estado de Goiás é muito grande; neste sentido podemos dizer que o Bioma Cerrado vem sendo mirante para produções monográficas, dissertações e teses, relatórios técnicos e de atividades diversas de pesquisas que culminam com bens materiais coletados via trabalho de campo. Além de pesquisas acadêmicas, os moradores noticiam materiais que são encontrados em suas propriedades em época de revolvimento de terras para o plantio de lavouras e que acabam sendo registrados a posteriori, através da relevante quantidade de materiais encontrados no ambiente de Cerrado e que por intermédio de um programa de educação patrimonial poderá ser doado ao Museu em questão.

Caminhos da metodologia

O Museu de História Natural da UEG será o guardião de todo o acervo arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, geológico e paleontológico do Cerrado, doado ou fruto de coletas via pesquisas diversas.

O Museu tem por objetivo incorporar a Museologia ao processo de ensino, pesquisa, extensão e gestão, considerando que só assim haverá condições de sustentar um amplo trabalho de socialização do conhecimento que deve ser, sempre, a finalidade do trabalho científico (SANTOS; MENDES, 2009; CHAGAS; NASCIMENTO JUNIOR, 2009; FERRAZ, 2013; CÂNDIDO, 2013).

Para Santos e Mendes (2009), Cândido (2013), a divulgação museológica deve ocupar espaço preponderante, na medida em que a linguagem do objeto (fato museal) reúne um conjunto de códigos mais abrangentes, o que possibilita um efetivo processo de comunicação entre academia e comunidade.

Segundo Chagas e Nascimento Junior (2009), as atividades para a organização e criação do Museu, estarão embasadas pelas normas internacionais vigentes e por assessorias e auxílios técnicos de outros museus.

Em Cândido (2013) e Ferraz (2013), os museus, assim como a própria Museologia, estão voltados, basicamente, para a preservação, a pesquisa e a

comunicação das evidências materiais do homem e do seu meio ambiente, isto é do seu patrimônio cultural e natural.

Então, a função básica de preservar, *lato sensu*, engloba as de coletar/adquirir, armazenar, conservar e restaurar aquelas evidências, bem como, a de documentá-las. A função de comunicar abrange as exposições, as atividades educativas, as publicações e outras formas de disseminar informação, enquanto que a de pesquisar está presente, em maior ou menor grau, em todas as atividades (CÂNDIDO, 2013; FERRAZ, 2013).

Ferraz (2013), diz que ao focar os museus a partir das suas funções, constata-se que são instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. Estes, como veículos de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer e seguir algumas metas e fases, descritas a seguir.

A principal meta deste projeto é a criação e implementação do Museu de História Natural da UEG envolvendo os núcleos, os grupos e os laboratórios de Ciências Exatas, Tecnológicas e Humanidades, que irá fornecer todo o suporte de informações para as comunidades em geral. Com o decorrer da atividade museológica, será implantado um laboratório multidisciplinar que vise incentivar pesquisas nessas áreas do conhecimento científico.

Na mostra arqueológica, antropológica, mineralógica, biológica, geológica e paleontológica permanente, as metas propostas estarão centradas no desenvolvimento da museologia com ênfase especial na reflexão sobre a importância dos objetos, das peças em um processo educacional permanente.

Como a região de Anápolis (GO), em domínio de Cerrado, engloba vários municípios e, a maioria deles tem alunos que estudam na UEG, formaremos equipes de alunos voluntários e/ou bolsistas com o objetivo de resgatar e catalogar, em seus respectivos municípios, material para ser depositado no Museu, que ficará à disposição de todas as comunidades domiciliadas no Estado de Goiás.

O uso de monitores com bolsa de apoio é indispensável, pois, para realizarem as atividades diversas relacionadas ao Museu, já que o mesmo será aberto à comunidade para visita e também para pesquisas.

Para criação e implementação do Museu da UEG, serão obedecidas as seguintes fases: 1. Catalogação de todo o material já existente nas dependências da UEG, sejam eles materiais arqueológico, antropológico, mineralógico, biológico, geológico e paleontológico; 2. Treinamento de monitores para prestarem por um período inicial de um (01) ano, serviços diversos ao Museu, principalmente o de realizarem palestras nas escolas da região e de receberem os alunos de escolas dos ensinos fundamental e médio do Estado de Goiás; 3. Recepção de pesquisadores e universitários interessados no acervo do Museu por parte de técnicos capacitados e pesquisadores/docentes do Laboratório Multidisciplinar; 4. Divulgação do Museu em todo o Estado de Goiás e Estados circunvizinhos; 5. Início do processo de recebimento dos alunos e visitantes, com datas e agendamentos a serem traçados a posteriori.

Resultados esperados

Os resultados serão considerados satisfatórios se os principais objetivos forem alcançados, ou seja, que o projeto se desenvolva obedecendo todas as etapas propostas:

- a) a implementação do museu;
- b) o atendimento da Universidade e da comunidade escolar;
- c) o desenvolvimento de pesquisas nos campos da Arqueologia, Antropologia, Geologia, Mineralogia, Biologia e Paleontologia;
- d) a formação de monitores, técnicos e pesquisadores;
- e) implantação de cursos de verão, extensão e de pós-graduação.

Algumas considerações finais

A proposta de CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UEG - UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS, CAMPUS HENRIQUE SANTILLO, ANÁPOLIS (GO) foi elaborada em novembro de 2013, porém não foi adiante por questões governamentais, ou seja, contenção de gastos e novos direcionamentos por parte da Secretaria de Ciência e Tecnologia, do Governo de Goiás.

A proposta em questão encontra-se engavetada e quiçá em breve entre novamente na pauta governamental.

Enquanto a proposta está em hibernação, a UEG tem executado algumas atividades extensionistas, projetos de pesquisa, projetos educacionais e eventos que norteiam e fundamentam as questões de cunho museal e que envolvem os campos da Geologia, Mineralogia, Geografia, Paleontologia, Biologia e Gestão Ambiental.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.** Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 02 nov. 2013.

CÂNDIDO, M. I. **Documentação museológica.** Disponível: <http://app01.museudoindio.gov.br/downloads/cadernodiretrizes_terceiraparte.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. C. Educação e comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências.** Rio de Janeiro: FAPERJ-Access, 2003. p. 83-106.

CHAGAS, M. S.; NASCIMENTO JUNIOR, J. **Subsídios para a criação de museus municipais.** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus, 2009.

CONSTANTIN, A. C. C. Museus interativos de ciências: espaços complementares de educação? **Revista Interciência**, v. 26, n. 5, p. 195-200, 2001.

CURY, M. X.; BARRETO, M. I. (org.). **Estudo sobre Centros e Museus de Ciências: subsídios para uma política de apoio.** São Paulo: Fundação Vitae, 2000. Disponível em: <<http://www.abcmc.org.br/publicue1/media/13093-marilia-final.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

FERRAZ, H. D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** Disponível em: <http://www.nucleodespesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/ferrez_h_d._documentao_museologica._teoria_para_uma_boa_prtica.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

GIL, F. B. Museus de Ciência: preparação do futuro, memória do passado. **Revista de Cultura Científica**, n. 3, p. 72-89, 1988.

GOHM, M. G. **Educação não formal e cultura política** - impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCAS, A. M. Info-tainment and informal sources for learning science. **International Journal of Science Education**, v. 13, n. 5, p. 495-504, 1991.

MCMANUS, P. M. Topics in museums and science education. **Studies in Science Education**, n. 20, p. 157-182, 1992.

MELO, D. J.; COSTA, S. A. F. Linha de pesquisa “Museu, Museologia e Ciência” do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará: uma busca pelo patrimônio científico nos museus. In: Semana Nacional de Museus: Museu e Memória, 3, 2011, Alfenas (MG). **Anais...** Alfenas (MG): UNUFAL, 2011. p. 14-22. Disponível em: <<http://www.unifal-mg.edu.br/snmuseus/files/file/ANAIS%20IIISNMUSEUS%20MUSEU%20E%20MEMORIA.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MELO, D. J. O homem, os fósseis e os museus. In: Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2, 2009, Aveiro (Portugal). **Anais...** Aveiro (Portugal): Universidade de Aveiro, 2009. p. 111-115. Disponível em: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh2/Artigos/040.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

PEIXOTO, A. M. C. Museu da escola: uma leitura em aberto. In: MENEZES, M. C. (org.). **Educação, memória, história: possibilidades e leituras.** Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 265-286.

SAAD, F. D. Centros de Ciências: as atuais vítimas do mundo da difusão científica. In: CRESTANA S.; CASTRO, M. G; PEREIRA, G. R. M. **Centros e Museus de Ciência: visões e experiências.** São Paulo: Saraiva, 1988. p. 21-25.

SANTOS, J. S.; MENDES, M. **Criação e implantação do Museu de História Natural da UEPB.** Campina Grande: UEPB, 2009.

UCKO, D. A. Science literacy and science museum exhibits. **Curator**, v. 28, n. 4, p. 287-300, 1985.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB. **Criação e implantação do museu de história natural da UEPB (projeto).** Campina Grande: Departamento de Biologia / Laboratório de Arqueologia e Paleontologia - LABAP/UEPB, 2009. Disponível em: <<http://museu.uepb.edu.br/mhn/255-2/>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

ZAHER, H.; YOUNG, P. S. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. **Revista Ciência e Cultura**, v. 55, n. 3, p. 24-26, 2003.